



RESENHA

Da inteligência à consciência: uma proposta de regulação ética

 Maria Auxiliadora de Freitas Bastos Matias*



Fonte: Santaella, 2023.

INTRODUÇÃO

Este texto destaca o avanço pragmático da Inteligência Artificial Generativa (IAG), com ênfase no ChatGPT e os seus variados impactos na sociedade, na obra “Há como deter a invasão do ChatGPT?”, de Lúcia Santaella.

É notório o efeito transformador que a introdução do ChatGPT causou nos ambientes acadêmicos, mobilizando discussões em ritmo acelerado. Assim, o objetivo desta resenha é apresentar, de forma abrangente, vantagens, desvantagens e potencialidades dessa ferramenta digital, ressaltando a sua importância e a necessidade do uso com regulação ética. Embora seja indispensável para o

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, Brasil. E-mail: dorinhamatias368@gmail.com.

Autora para correspondência: Maria Auxiliadora de Freitas Bastos Matias. E-mail: dorinhamatias368@gmail.com.

progresso humano da atualidade, a IAG ainda demanda maior reflexão sobre suas implicações e compreensão sobre suas múltiplas aplicações.

ARGUMENTAÇÃO

Há como deter a invasão do ChatGPT? Se você espera a resposta desta questão, não leia o livro. Lúcia Santaella não lhe apresenta respostas prontas. Ao contrário, apresenta ainda mais indagações e reflexões, principalmente relacionadas aos cuidados necessários no emprego da Inteligência Artificial (IA).

O texto expõe uma visão holística a respeito dos benefícios e possíveis perigos que podem ocorrer a partir do uso do ChatGPT, ferramenta pertencente “à família da Inteligência Artificial Generativa (IAG)” (p. 20). A autora detalha o IAG e sua capacidade de criar conteúdos a partir de dados previamente registrados em sua memória. Ou seja, Santaella descreve a IAG e o seu potencial para elaborar novos conteúdos (textos, imagens, vídeos, áudios...), posicionando-a como aquela que vai além da investigação científica e alcança “os múltiplos efeitos que está produzindo e deverá produzir nas sociedades humanas em todas as suas facetas” (p. 7).

A autora retrata o modo crescente da IAG no universo atual, os impactos sociais provocados pelo uso acelerado desta ferramenta e alerta o leitor sobre a lentidão no estabelecimento das leis para regulamentar as responsabilidades que os sistemas tecnológicos devem assumir.

No que se refere ao uso da IAG, é perceptível a despreocupação do usuário em informar o verdadeiro autor das criações. E, pensando nesta despreocupação, a autora fala sobre importância de refletir sobre quem produziu o quê (o homem ou a máquina?), as implicações sociais e as consequências que a falta de transparência sobre a autoria pode provocar na sociedade.

Usar a IAG é assumir riscos, tendo em vista que, por exemplo, o ChatGPT dispõe de uma expressiva organização de rede neural e aprendizado capaz de criar respostas desassistidas. Desse modo, é possível que a ferramenta apresente para um usuário sem supervisão informações falsificadas, que escondem “falácias lógicas ou propor explicações científicas que não são inteiramente corretas” (p. 86). Ademais, sabe-se que o ChatGPT é uma poderosa ferramenta de processamento de linguagem natural norteadas pelos comandos da IAG que tem como uma das suas características a perigosa imprevisibilidade, especialmente quando apresenta habilidades que não lhe são incorporadas. Quando incorporadas e treinadas, a ferramenta expõe prontamente habilidades com resultados satisfatórios, assertivos e condizentes que exigem do usuário apenas um *prompt* (comando), ou seja, informações que ele deseja obter.

Tomando como ponto de partida a escrita do *prompt*, é possível iniciar uma conversação informal polida, educada e responsiva entre o usuário e a máquina. Entretanto, Santaella acautela o leitor a respeito da questão de o sistema apresentar um discurso semelhante ao do ser humano, mas que na realidade “em sua morfogênese foi alimentado por palavras, milhões de palavras desvinculadas de qualquer conexão com a realidade que representam ou indicam” (p. 38). A autora adverte o leitor para o fato de o ChatGPT exibir, na realidade, um modelo matemático limitado a um ambiente linguístico, embora este seja capaz de interagir com o ser humano “naturalmente”. E, partindo dessa premissa, a autora acrescenta outras internalidades negativas do ChatGPT, muitas delas providas da exploração negligente, da falta de regulação e da ausência de confiabilidade nos dados estabelecidas pelo próprio usuário.

É possível observar o comportamento equivocado de determinados usuários que posicionam o ChatGPT como uma extensão do entendimento e da ética do ser humano. Em contrapartida, a autora ameniza os perigos da ferramenta quando estabelece uma linha comparativa com o surgimento de grandes avanços tecnológicos na sociedade, a exemplo, os automóveis: “A princípio pensava-se que seriam extremamente perigosos, que poderiam matar pessoas e que a velocidade que alcançavam poderia desnaturar as proteínas do nosso corpo” (p. 44). Atualmente, propostas de regulamentações sobre a utilização da IAG são discutidas.

O ChatGPT não é capaz de provocar o “assassinato” da criatividade humana quando posicionado como uma ferramenta facilitadora e de aplicabilidade cotidiana pelo indivíduo. Trata-se de um recurso tecnológico que, ainda a passos modestos, é capaz de desafiar o senso crítico e criativo do usuário, quando este o permite. Para a autora, a partir do surgimento do ChatGPT, é possível visualizar “(...) um novo modo de produção criativa e artística que vem sendo incorporado por artistas e despertado o interesse de teóricos e críticos da cultura e das artes” (p. 54). E, sob tal perspectiva, tem-se a vivência das primeiras fases de um período de revolução comunicativa, midiática e cultural entre a IA e o ser humano.

Para tanto, é preciso portar-se de modo ético e munir-se de cuidados durante a medição das potencialidades do ChatGPT, uma vez que este não consegue assumir a responsabilidade autoral de documentos importantes, como a escrita de artigos científicos, por exemplo. Apesar da fluência da linguagem e a evidência nos apontamentos descritivos, é necessário atenção à possível atração advinda da informação apresentada de maneira individualizada. Esta pode manifestar-se como detentora da verdade, do conhecimento disponível de forma completa e alheia aos rigores da ciência. Eis o perigo.

Não compete à IAG a responsabilidade de tomadas de decisões e apresentação de opiniões. O ChatGPT não possui pensamento crítico – trata-se de uma ferramenta despida de inteligência e de domínio humano e não ao contrário. “Não há agenciamento sem inteligência” (p. 104), por esta razão, é importante ressaltar que compete ao usuário estabelecer a parte regular durante o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, por exemplo. Compete a ele delinear as conexões dentro da literatura. E, entendendo que o protagonismo humano segue no foco, a autora exemplifica como o indivíduo pode aproveitar deste recurso na produção de textos científicos.

Santaella nomeia inúmeras ferramentas úteis para o ChatGPT na ciência:

[...] na condução da revisão da literatura, ferramentas como PaperQA e Elicit aproveitam os LLMs para digitalizar bancos de dados de artigos e produzir resumos sucintos [...] as plataformas AO.mg, R Discovery, Consensus, Elicit, Perplexity permitem examinar diversos indexadores e bases de artigos para obter referências [...] Connected Papers, Inciteful, Litmaps geram mapas de referências [...] Scholarcy, Resoomer, Elicit, Paper Digest, Scispace, Humata, ExplainPaper, PaperBrain, ChatPDF podem atender a pedidos de que os textos sejam analisados, indicando os trechos principais e respondendo a perguntas. Cohere, PaperPal, Research Rabbit, Writefull, Word Tune e QuillBot são apenas algumas ferramentas que fazem correções gramaticais, ortográficas e estruturais nos textos (p. 72-74).

CONCLUSÃO

Ficam perceptíveis as potencialidades das ferramentas da IAG. Entretanto, o domínio da produção segue sendo do ser humano. Vê-se a necessidade do usuário evidenciar as regulamentações adequadas para o alcance dos seus objetivos com excelência e ética. A IAG pode impulsionar a criatividade humana, mas não possui a arbitragem e tampouco pode ser a responsável por “hábitos preguiçosos dos estudantes” (p. 81).

A obra “Há como deter a invasão do ChatGPT?”, de Lúcia Santaella, apresenta uma tecnologia indispensável para a atual evolução humana, mas que exige um maior reconhecimento e compreensão para as suas diferentes aplicações. Trata-se de uma valiosa obra a ser lida, não apenas porque apresenta um tema atual, mas porque desafia o leitor a refletir sobre a necessidade do uso das ferramentas digitais interativas de forma consciente e ética, especialmente no ambiente educacional.

Referências

SANTAELLA, L. **Há como deter a invasão do ChatGPT?** São Paulo: Estação da Letras e Cores Ltda, 2023.

Fonte de financiamento

Financiamento próprio.

Contribuição dos autores

Maria Auxiliadora de Freitas Bastos Matias - elaboração do texto, revisão do conteúdo, aprovação da versão final do manuscrito e responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo.

Conflito de interesses

A autora declara que não há conflito de interesses.

Responsabilidade editorial

Ramona Fernanda Ceriotti Toassi, Mariangela Kraemer Lenz Ziede
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil

Recebido em: 21/10/2024

Aceito em: 28/10/2024

Publicado em: 29/10/2024